



## **Histórias de jornalistas: a narrativa da memória de profissionais como possibilidade de construção do conhecimento sobre a história do jornalismo<sup>1</sup>**

Cicélia Pincer Batista<sup>2</sup>  
Vanderlei Dias de Souza<sup>3</sup>  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

### **Resumo**

O trabalho pretende discutir a narrativa de jornalistas brasileiros, que atuam e/ou atuaram nas últimas cinco décadas, sobre a sua trajetória profissional, como possibilidade de construção do conhecimento sobre a história recente do jornalismo brasileiro. Para tanto, apoia-se numa revisão bibliográfica sobre as interações entre memória, narrativa, história e profissão jornalística, bem como na experiência da atividade complementar de pesquisa e ensino “*Memórias de Jornalistas*”, desenvolvida, desde o segundo semestre de 2010, por professores e alunos do Curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

**Palavras-chave:** Memória; Narrativa, História do Jornalismo

### **Introdução**

*A história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso. [...] A história é filha da memória. (Paul Veyne)*

A despeito da diferença entre os focos prioritários de suas reflexões, é cada vez mais comum, evidente e necessário, um diálogo entre Jornalismo e História, principalmente quando se tem em conta não só o fato de que, nos últimos anos, ambos empreenderam reflexões bastante singulares e inovadoras em suas áreas de conhecimento, mas, sobretudo, que tais singularidade e inovação deixam clara a centralidade da narrativa como categoria epistemológica fundamental a orientar o conhecimento de ambas as áreas; de tal modo que se pode afirmar que

[...] a idéia de que a narrativa é algo que importa, desde que não estejamos a lidar com a ciência. [...] O radicalizar a pergunta pelo sentido e pelos limites da narrativa está fadado a criar uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências da Comunicação pela ECA/USP; professora do Curso de Jornalismo da Universidade Mackenzie; email: cicelia@mackenzie.br

<sup>3</sup> Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP; professor nos Cursos de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM); email: vanderlei@mackenzie.br.



perturbação maior porque então se atinge a noção compartilhada de ciência. (COSTA LIMA, 1989, p. 16)

O que Costa Lima ressalta, nesta afirmação, é que, nestes dois campos do saber, as abordagens sobre a narrativa ainda se debate com a cientificidade como horizonte e condição de autoridade e competência – como a prestar contas do racionalismo-objetivista que marcou de modo tão veemente a chamada Modernidade Ocidental. Por sua vez, tal horizonte, tanto numa área como noutra, tem implicado uma concepção instrumental da linguagem, cujo ideal seria uma relação de transparência com a realidade; e, por último, que em ambas se afirma a necessidade de se proceder à interrogação sobre o *status* epistemológico da narrativa como possibilidade de ruptura com paradigmas que não se mostram mais suficientes para responder às complexidades inerentes ao contemporâneo.

Esta insuficiência torna-se evidente quando se considera que as atuais condicionantes históricas e tecnológicas, e suas possibilidades interativas e de sentido, implicam não só a falência do paradigma racional-objetivista, como o imperativo de uma construção lingüística e narrativa do acontecimento – histórico e/ou jornalístico - capaz de não obliterar suas dimensões polifônicas e polissêmicas, mas, antes, de se apresentar como a apropriação singular e plural que dele faz cada indivíduo, tomado, aqui, como representante e expressão de um coletivo pensante e sensível.

Assim, pode-se dizer com Costa Lima (1989, p. 19) que “o interesse em teorizar não se generaliza sem que antes se difundam os sinais de crise, seja no modo de compreender certo objeto (crise em uma disciplina), seja no lidar até com o próprio cotidiano (crise de um paradigma).” De modo análogo, Paul Veyne (2008, p. 17) afirma que “[...] a história é o que é, não por causa de algum jeito de ser especial ao homem, mas porque [se] escolheu um determinado modo de conhecimento”.

Resulta de tal perspectiva que a narração histórica não pode e nem deve se restringir aos documentos; antes, como aponta Veyne (2008, p. 19), ela se situa para muito além de qualquer documento, uma vez que nenhum documento pode arvorar a ser o próprio evento; antes, como narração histórica incondicional, “um evento destaca-se sobre um fundo de uniformidade; é uma diferença, algo que não poderíamos conhecer a priori”. Como se verá, posteriormente, essa perspectiva guarda muitas proximidades com a narrativa jornalística – especialmente no que diz respeito à relação entre narrativa e acontecimento -, mesmo e sobretudo quando se considera suas diferenças em relação à narrativa histórica.



Neste contexto é que o presente texto pretende discutir a narrativa de jornalistas sobre a sua trajetória profissional, como possibilidade de construção do conhecimento sobre a história recente do jornalismo brasileiro. Mas, é importante precisar que se está a falar, neste artigo, de uma narrativa individualizada, singular, que, se espera, sirva como esteio de uma universalidade (o conhecimento da história recente do jornalismo brasileiro).

Para tanto, apoia-se numa revisão bibliográfica sobre as interações entre memória, narrativa, história e profissão jornalística, bem como na experiência da atividade complementar de pesquisa e ensino “*Memórias de Jornalista*”. Desenvolvida, desde o segundo semestre de 2010, por professores e alunos do Curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, a atividade complementar tem como um dos seus principais objetivos produzir um “banco de memórias” dos jornalistas que atuaram e atuam na imprensa brasileira, nas últimas cinco décadas, a partir de depoimentos destes profissionais, de modo a construir, por meio destas narrativas, um mosaico da história recente da imprensa brasileira.

O projeto assenta, dentre outras, na idéia fundamental de que, para que os depoimentos da trajetória profissional dos jornalistas pesquisados possibilitem a construção de uma figuração – nas palavras de Elias (1994, 2001) -, da história recente do jornalismo brasileiro, é necessário ter-se em conta que, como diz Veyne (2008, p.22), aquilo que individualiza os eventos históricos não é precisamente a marca pessoal nem a “diferença de detalhes”, mas, sobretudo, aquilo que os eventos são, ou seja, “o fato de que acontecem num dado momento; [e que] a história nunca se repetiria, mesmo que vivesse a contar a mesma coisa”.

Ao dizer que ao historiador interessa, mais do que a estética e a raridade, sobretudo a verdade, Veyne oferece-nos, mais uma vez, uma chave interpretativa fundamental para a compreensão da relação entre memória, narrativa e história no conhecimento do jornalismo, principalmente quando ressalta que “o campo da história é, pois, inteiramente indeterminado, com uma única exceção: é preciso que tudo o que nele se inclua tenha, realmente, acontecido” (VEYNE, 2008, p. 25)

Daí que a reflexão sobre o *status* epistemológico da narrativa poderia começar pela colocação de outra pergunta nela implicada, qual seja – para os objetivos desse artigo – qual o lugar da narrativa da memória individual na construção do conhecimento da história do jornalismo e da profissão jornalística. Esta relação mostra-se importante já quando se considera a narrativa como ao se considerar que, como afirma Barbosa



(2004, p.01) – num texto em faz uma revisão crítica da relação entre jornalistas e memória -, que

a ação do jornalista é sobretudo de natureza memorialística, já que a memória é uma operação do presente e conformadora da própria identidade. Mas, ao construir uma dada memória na sociedade, na verdade estariam [os jornalistas] configurando uma identidade da própria profissão.

### **História, memória e narrativa na constituição da comunidade profissional e na história do jornalismo**

Ao perguntar-se pelo sentido e limite epistemológico da categoria “narrativa”, Costa Lima (1989, p. 16) afirma que, apesar de ela se constituir num tema cada vez mais central tanto na História quanto nas Ciências Sociais, permanece ainda dominante

[...] a idéia de que a narrativa é algo que importa, desde que não estejamos a lidar com a ciência. [...] O radicalizar a pergunta pelo sentido e pelos limites da narrativa está fadado a criar uma perturbação maior porque então se atinge a noção compartilhada de ciência.

Tal perturbação resulta, dentre outros do fato de que

Mesmo que, para efeito de raciocínio, aceitemos a idéia de que a ciência pura põe entre parênteses a subjetividade do pesquisador [ou narrador, para os propósitos deste trabalho], e, portanto, seus valores, esta convivência do fazer intelectual com os valores não significa que a produção resultante seja um epifenômeno da subjetividade. (COSTA LIMA, 1989, p. 59)

Ou seja, o que Costa Lima ressalta é o mesmo que Paul Veyne (2008, p. 17) já destacara ao dizer que “[...] a história é o que é, não por causa de algum jeito de ser especial ao homem, mas porque [se] escolheu um determinado modo de conhecimento”. Assim como o autor afirma para a História, pode-se dizer que, de forma semelhante, no jornalismo, opera-se com uma seleção, simplificação e organização dos eventos – ou melhor, acontecimentos - díspares, temporal e espacialmente, que não só fazem com que, por exemplo, um século ou uma década caiba numa página, mas, sobretudo, que essa síntese da narrativa seja tão espontânea quanto a seleção que orienta a memória de cada um quando se evoca o que viveu e, principalmente, aqueles acontecimentos que



marcaram de forma constituinte não só a memória individual, mas, de resto, a memória coletiva e o que os alemães, muito apropriadamente, chamam de *Zeitgeist*.

Assim, a memória individual nunca é, exclusivamente, a manifestação de uma singularidade individual – já que nela falam as vozes coletivas de constituição do sujeito e, de resto, da sociedade. Ou seja, a “coleção” de memórias e narrativas particulares são capazes de, como dizia Elias (2001), orientar a compreensão dos sistemas de representação que um grupo faz, não apenas de si mesmo, mas, sobretudo, dos outros e da configuração histórica e social em que se acha inserido.

Deste modo, ao contrário da perspectiva que parece dominante na construção do conhecimento sobre a história do jornalismo – que privilegia, na maioria das vezes, a história progressiva dos veículos -, o que está em discussão, neste artigo, é a possibilidade de, como dizia Veyne,(2008, p. 18-19), “[...] a narração histórica [situar-se] para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento; ela não é um documentário em fotomontagem e não mostra o passado ao vivo [...]”

Assim como na história, na narrativa jornalística e dos profissionais do jornalismo, deve-se considerar o fato de que a memória da atuação do profissional pauta-se por uma concepção do evento/acontecimento como algo que se destaca de um fundo de uniformidade; de uma narrativa linear e coerente de acontecimentos; mas que se tece no movimento de ações e falas díspares, resultando, entretanto, como algo que acaba por se nos apresentar como um mosaico pleno de sentido, e; como aquilo que não poderíamos conhecer antes dessa organização narrativa mesma, como destaca Costa Lima.

[...] sumariamente, por narrativa estaremos entendendo o estabelecimento de uma organização temporal, através de que o diverso, irregular e acidental entra em uma ordem; ordem que não é anterior ao ato da escrita [e, por assim dizer, também da narrativa oral], mas coincidente com ela, que é pois constitutiva de seu objeto. (COSTA LIMA, 1989, p.17)

Tem-se, portanto, que, para que o depoimento da trajetória singular de cada profissional possibilite um acesso ao mosaico do conhecimento da história recente do jornalismo brasileiro, faz-se necessário ter em conta que, como diz Veyne (2008, p. 22), aquilo que individualiza os eventos históricos não é precisamente a marca pessoal nem a “diferença de detalhes”, mas, sobretudo, aquilo que os eventos são, “o fato de que acontecem num dado momento; a história nunca se repetiria, mesmo que vivesse a contar a mesma coisa”.



Assim, é que os depoimentos das duas profissionais destacadas neste trabalho, Cremilda Medina e Maria Lydia Flandoli, apontam como evento marcante do início de sua trajetória profissional o fato de que a década de 1960 significou - para além do começo de uma trajetória de luta pela profissionalização do jornalista no Brasil (BATISTA, 2009) e, especialmente no final deste período, a restrição arbitrária à liberdade de imprensa e à atividade do jornalista - , um marco na história do lugar e papel da mulher e da sociedade civil, de modo mais abrangente, na vida política e cultural do País; não se restringindo, pois, ao jornalismo.

### **Memória, narrativa e enquadramento social e profissional**

Ao dizer que ao historiador interessa, mais do que a estética e a raridade, sobretudo a verdade, Veyne (2008) oferece-nos, mesmo que não se referindo especificamente ao jornalismo, uma chave compreensiva que se configura como possível e rica para a relação entre memória, narrativa e história no conhecimento do jornalismo. Tal possibilidade se mostra plausível quando se considera que tanto a história, quanto o jornalismo e a literatura assentam-se num elemento básico, qual seja, a narrativa.

Deste modo, a abertura de sentido inerente a qualquer narrativa implica que “o campo da história [assim como os da literatura e do jornalismo, como produções essencialmente narrativas] é, pois, inteiramente indeterminado, com uma única exceção: é preciso que tudo o que nele se inclua tenha, realmente, acontecido”. (VEYNE, 2008, p. 25)

Dá poder-se contruir um diálogo com a sociologia histórica de Nobeit Elias (1994, 2001), que empreende uma metodologia em duplo movimento: se, de um lado, analisa como um movimento coletivo se refrata nos comportamentos individualizados, de forma que mesmo os exemplos divergentes acham-se “grudados” na força de constrição da experiência coletiva; de outro, a reconstrução da sociogênese ganha sentido na sua relação com a psicogênese e vice-versa. Isto é, a inteligibilidade do



arranjo societário<sup>4</sup> só é possível a partir da morfologia daqueles que vivem a experiência, pela identificação de sua polifonia<sup>5</sup>.

Assim, o gradiente de formalidade/informalidade que, em qualquer papel social e, por conseguinte, profissão, mostra situações que propiciam e suscitam criatividade por parte dos agentes - ao exigir-lhes tanto uma força de constrição quanto de resistência – também explicita a totalidade do histórico e social como mosaico; como modo de construção de uma narrativa capaz de conjugar todas as dimensões, protagonistas e vozes em suas tensões e contradições. Numa recusa à absolutização do seu objeto de análise, Elias constrói, desta forma, uma totalidade metodológica como *fac-símile* da própria totalidade social que se quer, por meio da primeira, compreender. O tecido narrativo replica o tecido explicativo: todas as vozes acionadas são a explicação cujo sentido só se dá no próprio mosaico. Estabelece-se uma relação de reflexividade entre o narrador e o objeto de sua narrativa.

Tornam-se, portanto, inadequados os critérios de estratificação que mostram como as pessoas são agrupadas quando vistas unicamente desde a perspectiva de terceira pessoa do plural, como “eles”; uma prática tão corriqueira na narrativa jornalística tradicional<sup>6</sup>.

Aqui, pode-se, respeitadas as diferenças teórico-epistemológicas que orientam cada autor, propor um diálogo entre Elias (1994, 2001) e Barbie Zelizer (2000), uma vez que ambos ressaltam a importância da apropriação individual que cada sujeito faz de seu papel social numa relação tensional e dialética entre a psicogênese e a sociogênese.

Destarte, ao considerar-se que, como diz Zelizer (2000, p.8), a autoridade jornalística constrói-se como “o caso específico de autoridade cultural com base no qual os jornalistas determinam o seu direito de apresentar versões autorizadas acerca do mundo”, privilegiando as redes informais de contato e o ato de contar histórias, ressalta-se a centralidade da memória e da narrativa não apenas para a trajetória individual, mas,

---

<sup>4</sup> Segundo Elias (2001, p. 149), o que caracteriza, fundamentalmente, o conceito de figuração é que ele constitui um olhar sobre o homem nas suas interações com os homens. Ele ajuda a escapar das polarizações, como a do “indivíduo” e da “sociedade”, e a reconhecer a sociedade como uma figuração constituída de numerosos indivíduos fundamentalmente interdependentes, ou seja, tributários e dependentes uns dos outros.

<sup>5</sup> Interessante notar que o destaque à polifonia em Elias (1994; 2001) se faz de modo a recusar uma polissemia; antes todas as vozes parecem reforçar o mesmo sentido da experiência.

<sup>6</sup> Esse aspecto da narrativa jornalística se mostra de forma muito evidente e clara quando se considera a força do assujeitamento na terceira pessoa como um dos constituintes fundamentais do *ethos* do jornalismo moderno.





principalmente, para a construção social da história e do conhecimento sobre o jornalismo<sup>7</sup>.

Numa obra fundamental sobre a dimensão social da memória, Ecléa Bosi (1994), com base em Halbwachs (1990), considera que se, de um lado, a memória pessoal é também uma memória social, familiar e grupal; de outro, esta mesma memória é trabalho: “Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição. Há no sujeito plena consciência de que está realizando uma tarefa” (BOSI, 1994, p. 39)

A considerar que a memória individual de jornalistas revela, para além de sua mera e restrita individualidade, a dimensão social e histórica de outra história, mais ampla, em sua temporalidade, é que o projeto “Memórias de Jornalistas” pode-se configurar como possível indagação do lugar da narrativa da memória profissional do jornalista no conhecimento da história do jornalismo.

### **Histórias de Jornalistas: Uma experiência de pesquisa e ensino como possível veio para o conhecimento da História do Jornalismo**

Desenvolvida desde o segundo semestre de 2010, e integrando o elenco de atividades complementares do Curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, a atividade de pesquisa e ensino “Memórias de jornalistas” - coordenada pelos professores Cicélia Pincer Batista e Vanderlei Dias de Souza - tem como objetivos principais: compreender a relação entre memória, narrativa e história, a partir de depoimentos de profissionais - que atuam e/ou atuaram nas últimas cinco décadas - sobre a sua trajetória profissional, como possibilidade de construção do conhecimento sobre a história recente do jornalismo brasileiro; produzir depoimentos em vídeo de modo a contribuir para a documentação e registro da memória do jornalismo brasileiro; propiciar ao aluno um maior aprofundamento no conhecimento da história recente da imprensa; compreender o papel da narrativa na construção da memória e da história de determinada configuração social, especificamente, neste caso, o jornalismo.

Atualmente, o projeto integra cerca de 30 alunos – entre o 2º e o 4º semestres do Curso e agrupados em conjuntos de três elementos – que, orientados pelos professores

---

<sup>7</sup> Para a autora, o enquadramento do jornalismo como uma profissão, no sentido que lhe é atribuído pela sociologia clássica, se, por um lado, significou uma orientação ideológica fundamental para a instituição de uma autoridade profissional; por outro, tornou obscurecidas diversas outras dimensões da prática jornalística, como as práticas de narração e de contar histórias. Cf. ZELIGER, 2009.





responsáveis, desenvolvem as mais diferentes etapas; ou seja, desde a pesquisa inicial da história profissional do jornalista pesquisado, bem como o levantamento, fichamento e leitura de suas principais obras e das mais importantes coberturas e matérias jornalísticas por ele realizadas – estas últimas são, geralmente, definidas, por meio de conversas informais com o profissional –, até a gravação e edição do depoimento do entrevistado/pesquisado. Até o momento, 10 profissionais<sup>8</sup> estão sendo pesquisados, sendo que já foram gravados seis depoimentos, que estão em processo de edição.

A metodologia, do projeto orientada, primordialmente pelo objetivo de produzir um “banco de memórias” dos jornalistas brasileiros, consiste num duplo e complementar movimento: primeiro, e após sorteados os profissionais que competem a cada grupo, os alunos fazem um levantamento da trajetória profissional e da produção bibliográfica e/ou editorial de cada jornalista. Feito este levantamento, e após a leitura e fichamento das publicações do profissional sorteado, os alunos produzem um perfil do profissional. E é com base neste perfil, que se pauta pela relevância e papel que o profissional desempenhou na história recente do jornalismo brasileiro, que são elencados os principais eixos temáticos que orientarão a tomada de depoimento.

Ou seja, parte-se da hipótese de que a narrativa individual representa um “feixe de luz” estrategicamente posicionado, que, dialogando, com os objetivos pesquisados, se ancora, sobretudo, na perspectiva metodológica da pesquisa etnográfica – especialmente nas técnicas de histórias de vida e dos papéis sociais. Assim, dentre os profissionais pesquisados e com depoimentos já gravados, foram elencadas, como ilustração das reflexões feitas neste artigo, as narrativas da jornalista e pesquisadora Cremilda Medina e da jornalista Maria Lydia Flandoli.

Tal escolha orientou-se pelo fato de que, além de serem mulheres, representam papéis sociais um tanto distintos na suas trajetórias profissionais: a primeira constrói um percurso profissional que parte de uma atuação mercadológica para, num determinado período se conjugar com a trajetória acadêmica, resultando numa opção exclusiva pela pesquisa e experimentação sobre as possibilidades narrativas e coletivamente autorais do jornalismo. A segunda tem uma trajetória fortemente marcada por uma atuação mercadológica, além de não ter como ponto de partida de sua atuação jornalística a formação acadêmica específica em Comunicação Social e/ou em Jornalismo – sua

---

<sup>8</sup> Até o momento, o projeto tem priorizado, por questão de proximidade mesmo, os jornalistas radicados na cidade de São Paulo, mas, a idéia é que, por meio de uma rede informal de contatos ou até mesmo por convênios formais com outras IES no País e com um possível apoio da INTERCOM, possa-se estender o leque de profissionais pesquisados.



primeira graduação é em Serviço Social - e de se considerar a primeira mulher a atuar como comentarista no rádio-jornalismo brasileiro.

Inicialmente, a idéia era não pré-determinar eixos temáticos a orientar a tomada e edição dos depoimentos, de modo a conceder ao entrevistado a liberdade, e paradoxal controle temporal e temático da narrativa de sua memória. Entretanto, se Benjamin (1994) e Gagnebin (2009) já alertavam para o caráter seletivo e dialético da narrativa e da memória - que se fazem sempre na trama entre o velar e o desvelar do dito, do implícito, do significado, do percebido e do vivido -, no desenvolvimento da atividade percebeu-se que, basicamente, quatro eixos temáticos se destacavam nos depoimentos. Tais eixos são apresentados a seguir, já com citações de trechos do depoimento das duas jornalistas mencionadas:

a) **Como os profissionais contam a história da imprensa no período inicial de sua atuação:**

*Cremilda Medina:*

Eu sou de uma geração, a geração 60, justamente a geração que vai dar a virada... A geração que representa a entrada da mulher na universidade, não apenas no jornalismo, jornalismo até menos, mas em 60 é a virada, a ascensão da mulher profissionalizada. (MEDINA, 2011; depoimento)

*Maria Lydia:*

E nesse mesmo ano (1980, quando a Marília Gabriela fazia o TV Mulher) o diretor da Rádio Jovem Pan, Fernando Vieira de Melo – eu havia dado uma entrevista para a Jovem Pan, a minha área era a psicologia da educação, e ele ouviu e quis me conhecer.. Aí ele me convidou para ser comentarista no Jornal da Manhã. Então efetivamente, eu fui a primeira mulher comentarista de notícia no rádio-jornal. Foi uma experiência muito importante essa, da mulher opinar, porque tinham mulheres repórteres, editoras, com outras funções no jornalismo, mas numa equipe masculina. Então foi um espanto para os homens. (FLANDOLI, 2011, depoimento)

b) **Como vêm a sua atuação neste histórico:**

*Cremilda Medina:*

Meu diploma de jornalismo é de 31 de março de 64, tá lá escrito... Não posso fugir a esse estigma. [...]A revista do Globo foi o meu primeiro emprego. Fui como estudante de jornalismo querendo fazer



aquilo que eu sempre quis e continuo querendo que é ser repórter. (MEDINA, 2011; depoimento)

*Maria Lydia:*

Eu entendo que a função do âncora [...] se diferenciava da função do apresentador, porque o apresentador era, na televisão, o leitor do *teleprompter*, o leitor (sic) da notícia. E o âncora poderia externar a opinião sobre o fato. Mas é uma análise que não é exclusivamente um “eu acho”, é a busca de variáveis que compõem o fato, e a comparação dessas variáveis com outras referências que tenham a ver, levando a uma determinada conclusão; que não é terminal. Então eu discordo que não se deva dar opinião na TV por ser uma concessão, a opinião é sempre uma referência a mais para uma reflexão de quem está ouvindo. (FLANDOLI, 2011, depoimento)

**c) Momentos importantes que destacam no período de sua atuação no jornalismo**

*Cremilda Medina:*

Na condução da Agência de Notícias, seguidamente eu era chamada na direção da escola (ECA) porque havia lá um diretor, que era um braço da repressão, Manuel Dias, fazia o serviço sujo de articulação com o DOPS, então praticamente... segundas-feiras eu já contava com o chamado da direção, que vinha algum recado do DOPS, mesmo porque havia alguns estudantes que eram informantes, chamados informantes ‘qualificados’, que prestavam serviço. O diretor me disse que eu estava ensiando a reportagem para burlar o sistema. A reportagem ‘contra o sistema’ era como a reportagem pode interpretar a realidade, o jornalismo ‘interpretativo’, que é muito diferente do chutômetro do jornalismo opinativo. (MEDINA, 2011; depoimento)

*Maria Lydia:*

Nesses 20 anos eu fortaleci uma imagem que vinha sendo construída, de prestígio, de credibilidade. A parte administrativa, salários, essas coisas eram bem resolvidas, mas a questão editorial, que é fundamental para a sobrevivência do jornalista, em termos de prestígio e credibilidade, eu tinha; que era absoluta liberdade editorial. Jamais a direção da Gazeta perguntou quem eu ia entrevistar, que assunto eu ia tratar, que notícias íamos contemplar no jornal, nada, nada, isso é precioso. (FLANDOLI, 2011, depoimento)

**d) Visão da profissão e da formação profissional:**

*Cremilda Medina:*

A investigação, a reportagem, a busca consistente de um rumo na democracia, depende de um profissional que faça esse trabalho. Esse



trabalho não é feito nem por um advogado, nem por um médico; é feito por um jornalista. As universidades não estão ameaçadas pela regulamentação, o diploma será cada vez mais valorizado na medida em que elas responderem a esse desafio de um autor extremamente competente pra fazer a mediação democrática, a mediação social. Não é fácil fazer esse trabalho porque ele depende de uma atitude, de uma visão de mundo, de uma técnica que é da dialogia; do diálogo social. Para sermos dialógicos, realmente temos que estudar a vida inteira. Nem graduação nem Pós-Graduação dão conta do recado, é um projeto permanente de aperfeiçoamento. (MEDINA, 2011; depoimento)

*Maria Lydia:*

Acho que toda experiência vivida faz o diferencial do profissional [sobre a sua primeira formação, Serviço Social]. Eu não tenho dúvida que a minha percepção, o meu olhar para o social, para o comportamento, que é onde eu centrei muito a minha análise, pois tudo isso tem um vínculo muito forte com a minha formação inicial, eu acordei para a vida através do Serviço Social. Eu não enxergava com muita clareza o Brasil de tamanha diferença. Então eu tenho certeza que essas duas graduações me ofereceram recursos para desenvolver um olhar para o País, para as relações interpessoais, para a política, para a economia, para tudo, sempre na base do social. Tem uma relação muito forte, sim. (FLANDOLI, 2011, depoimento)

## **Considerações finais**

Decorre das reflexões anteriormente apresentadas que a possibilidade de a narrativa de memórias constituir-se num veio epistemológico fecundo para a construção da história do jornalismo, há de se ter em conta que a narrativa consiste numa trama com sentido, de modo que a narratividade jornalística não se limita apenas ao relato do acontecimento, na forma de determinado tipo de notícia. Antes, configura uma condição de possibilidade de conhecimento do próprio jornalismo, já que, ao narrar, o jornalista não faz apenas uma mera apresentação de fatos e, para o interesse específico deste trabalho, de sua trajetória subjetiva, mas, como diria Sánchez (1992) – num texto em que explora as conseqüências epistemológicas de se considerar o jornalista como um contador de histórias -:

debe hacer más: instaurar una peculiar relación entre esos hechos , disponerlos en una trama, como diría Aristóteles, para darles un sentido, para que resulten inteligibles o [...] simplemente legibles. De ahí que informar, de ordinario, signifique narrar. El periodista es un contador de historias con sentido. (SANCHEZ, 1992, p. 54).



Assim, se para Bird e Dardenne (1999), os jornalistas acham-se divididos entre o que eles consideram dois ideais impossíveis – as exigências da “realidade”, que consideram alcançável através de estratégias objetivas, e as exigências da narratividade -, para Sánchez, afirmar que o jornalista é um contador de histórias significa que não se pode esquecer que toda narração é uma versão, razão pela qual carece de sentido insistir em modelos narrativos aparentemente factuais e repetitivos, e que nem por isso deixam de ser uma versão.

Resulta daí, ainda, que para a construção de uma história do jornalismo que se assente não apenas na narração progressiva do desenvolvimento dos meios e tecnologias de informação é importante tomar como um de seus possíveis horizontes epistêmico-metodológicos, por exemplo, o modo com que Gagnebin (2009)<sup>9</sup> empreende a compreensão da narrativa em sua relação com a História:

Se podemos assim ler as histórias que a humanidade se conta a si mesma como o fluxo constitutivo da memória e, portanto, de sua identidade, nem por isso o próprio movimento da narração deixa de se atravessado, de maneira mais geralmente subterrânea, pelo refluxo do esquecimento; esquecimento que seria não só uma falha, um “branco” de memória, mas também uma atividade que apaga, renuncia, recorta, opõe ao infinito da memória a finitude necessária da morte e a inscreve no âmago da narração. (GAGNEBIN: 2009, p. 03)

Assim, a possibilidade de uma narrativa que não oblitere e nem apague a memória, como fundamento da história – mesmo, e sobretudo, num momento em que se vive a absolutização do presente; como nos dias atuais - há que se ter como mister que “a arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana”. (BOSI: 1994, p. 90). Deste modo, pode-se restituir ao tempo, nas palavras de Drummond de Andrade, o testemunho do tempo.

---

<sup>9</sup>Importa ressaltar que a autora não tem como horizonte de suas preocupações o jornalismo, mas uma releitura da relação entre História e narração em Walter Benjamin (como explícito no próprio título do seu livro). Cf. GAGNEBIN, 2009.



## Referências bibliográficas

BARBOSA, M. **Jornalistas, “senhores da memória”**. Texto apresentado ao IV Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom, evento componente do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre/RS: PUC, 30 de ago. a 3 de set. de 2004. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/index.html>. Acessado em 26 de Jan. de 2011.

BATISTA, C. P. **A Obrigatoriedade do Diploma e a Constituição da Comunidade Jornalística no Brasil – Uma Perspectiva Histórica**. Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba/PR: Universidade Positivo, 4 a 7 de set. de 2009

\_\_\_\_\_. **Anatomia de uma greve" - O enquadramento narrativo da greve dos jornalistas de 1979 nos artigos de O Estado de S. Paulo e do Jornal da Tarde**. Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do X Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul/RS: universidade de Caxias do Sul, 2 a 6 de set. de 2010.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito Da História. IN: **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras escolhidas; v. 1)

BIRD, E. e DARDENNE, R. Mitos, registo e “estórias : explorando as qualidades narrativas das notícias. IN: IN: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999; p. 263-277.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

COSTA LIMA, L. **A Aguarrás do Tempo – Estudos sobre a narrativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

\_\_\_\_\_. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

ELIAS, N. **Elias por ele mesmo**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 2001

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

GANEBIN, J. M. **História e Narração em Walter Benjamin**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

RODRIGUES, A. D. O acontecimento. IN: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: Questões, teorias e estórias**. 2 Ed. Lisboa: Vega, 1999.

SÁNCHEZ, F. J. El relato periodístico. El periodista como contador de historias. IN: **Estudios de Periodística (ponencias Del I Congreso de la S.E.P.)**. Madrid: Facultad de Ciencias de la Información/Universidad Complutense de Madrid, 1992; p. 49-56.



SOUSA, J. P. Pesquisa Comunicacional. IN: **Elementos de teoria e pesquisa da Comunicação e dos Media**. 2. Ed (revista e ampliada). Porto/PT: 2006. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>. Acessado em 28 jun. 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. 2ªed. INSULAR, 2008.

VEYNE, P. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. 4. Ed. Brasília: Editora da UnB, 2008.

WHITE, H. **Meta-História. – A imaginação histórica no século XIX**. 2. Ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

ZELIZER, Barbie. Os Jornalistas enquanto Comunidade Interpretativa. IN: **Revista de Comunicação & Linguagens**, nº 27. Lisboa: Relógio D'Água editores, 2000; p. 33-61.